

GRAMSCI LEITOR DE GEORGES SOREL: UM DIÁLOGO SOBRE HISTÓRIA E REVOLUÇÃO

*Leandro de Oliveira Galastri**

RESUMO: O presente artigo pretende empreender uma análise comparativa entre as concepções de história e revolução em Antonio Gramsci e Georges Sorel. A apresentação do desenvolvimento dos conceitos sorelianos leva em conta o contexto do debate sobre a crise do marxismo do final do século XIX. Discute-se ainda a apropriação crítica que Gramsci faz de conceitos de Sorel na elaboração de suas análises políticas presentes nos *Quaderni del carcere*.

PALAVRAS-CHAVE: *Quaderni del carcere*, sindicalismo revolucionário, Segunda Internacional, marxismo.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise inicial sobre as diferenças nas concepções de história e revolução entre o marxista italiano Antonio Gramsci e o teórico francês do sindicalismo revolucionário, Georges Sorel. O texto se pautará por uma ênfase na crítica de Gramsci a Sorel, dado ser o francês uma das principais fontes na elaboração do pensamento gramsciano,

* Doutorando em Ciência Política (Unicamp).

em especial dos *Quaderni del carcere*.¹ É preciso esclarecer ainda que este trabalho adota o pressuposto de que, tanto no autor italiano quanto no francês, a concepção de história se encontra inextricavelmente ligada à idéia de transformação social, daí não ser possível falar do conceito de história em Gramsci e em Sorel sem considerar como subjacente à análise suas respectivas concepções de revolução. Importante ressaltar aqui que os textos de Sorel a serem considerados nesta análise encontram-se naqueles por meio dos quais o autor se insere no debate sobre a crise do marxismo do final do século XIX, escritos aproximadamente entre os anos de 1895 e 1908, e que mapeiam a conversão de Sorel do marxismo ao sindicalismo revolucionário já a partir de 1897. Sorel tinha então como principais interlocutores os italianos Antonio Labriola e Benedetto Croce, além de dirigentes da social-democracia alemã, entre outros.

Em princípio analisaremos a concepção de história presente nas idéias centrais de Sorel, como o papel da violência proletária e do conceito de “mito” por ele desenvolvido na condição de elementos fundamentais do devir histórico. O diálogo com o italiano Antonio Labriola será um dos primeiros movimentos de demarcação dos limites entre a abordagem marxista e o pensamento soreliano, limites sobre os quais se debruçará Gramsci em importantes passagens dos *Quaderni*. O conceito de “vontade”, a partir de um pressuposto voluntarista, desempenha papel chave na evolução daquele devir. Sobre a “vontade”, portanto, apresentaremos, na seqüência, um breve debate sobre as posições de Sorel de um ponto de vista gramsciano. Finalmente, abordaremos algumas críticas à obra de Sorel presentes nos *Quaderni*, enfatizando o pressuposto historicista adotado por Gramsci em sua análise política.

¹ Este texto inclui-se no contexto geral das atividades da pesquisa sobre o pensamento gramsciano, em particular os *Quaderni del carcere*, levada a efeito pelo grupo de pesquisa Marxismo e Teoria Política, coordenado pelo Prof. Dr. Alvaro Bianchi. O grupo desenvolve seus trabalhos no âmbito do Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Um dos objetivos da pesquisa é a reconstrução das fontes da obra de Antonio Gramsci com vistas a uma reelaboração crítica de seu pensamento.

SOREL, O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E O DEVIR HISTÓRICO

Entre os anos de 1895 e 1897, período em que edita a revista francesa *Le devenir social*, Sorel considera-se adepto e divulgador do marxismo em seu país. Seria oportuna aqui uma breve exposição dos fundamentos do marxismo soreliano, antes de adentrarmos a análise dos conceitos de Sorel desenvolvidos como base teórica do sindicalismo revolucionário. Acredita o pensador francês que a obra de Marx seja composta por partes essenciais e partes não-essenciais, ou “casuais” (“accidentale”). Entre as últimas estaria tudo o que o pensador alemão escrevera sobre a revolução propriamente dita, e tais partes não teriam valor, segundo Sorel, perante o restante da obra. Sustenta ainda que, certo de se encontrar às vésperas da revolução, Marx não estaria preocupado em saber por que mecanismos exatos esta se daria, nem como seria a futura sociedade socialista após sua morte. Bastariam a ele as constatações empíricas feitas sobre o andamento dos fenômenos econômicos de sua época (Sorel, 1975: 97). Aponta Sorel, porém, que justamente a superestimação daquelas partes “casuais” da obra de Marx teria sido responsável pelo surgimento das certezas, da social-democracia, de que o mundo caminhava em direção a uma revolução inevitável. Essa a origem, segundo o autor francês, do determinismo ou “fatalismo” presente nos social-democratas da época. Afirma ainda que Marx não consideraria jamais como lei imutável o que não era senão um conjunto de “relações empíricas” (Sorel, 1975: 101).

Como se depreende do exposto acima, o marxismo heterodoxo de Georges Sorel já o predispunha ao caminho revisionista que viria em breve a adotar. Após a extinção de *Le devenir*, Sorel já se assume como pensador independente e empreende esforços no aprimoramento da fundamentação teórica do sindicalismo revolucionário. A estratégia política do sindicalismo revolucionário tinha uma postura de inspiração nitidamente anarquista com relação ao Estado, à organização dos trabalhadores e à forma de luta social. Quanto ao primeiro, pregava a abolição imediata da organização estatal. A revolução não consistiria na tomada do Estado pelo proletariado, nem na criação de uma ditadura do proletariado, mas na eliminação completa de toda estrutura estatal (Waldenberg, 1982: 248). Caso contrário, os trabalhadores não estariam fazendo senão uma “troca de amos”, um grupo privilegiado

por outro grupo privilegiado. Quanto à organização dos trabalhadores, o sindicalismo revolucionário defendia exclusivamente a estrutura sindical como típica do proletariado. A organização em partido político bem como a participação no sistema parlamentar eram consideradas um desvio estratégico. Enquanto os sindicatos eram produto da organização operária oriunda das fábricas, os partidos eram frutos de intelectuais que se arrogavam o comando dos trabalhadores. Os partidos seriam desnecessários, ademais, pelo fato dos operários não almejarem o poder político, mas sua destruição. Além disso, a consciência revolucionária se formaria a partir da luta direta das massas e não da prática parlamentar. Por fim, no que se referia à forma da luta social, a revolução seria realizada por meio da greve geral. A greve geral seria a formato típico da prática revolucionária dos sindicatos. Seria ao mesmo tempo o modo de educar as massas operárias no espírito revolucionário e a derradeira forma da revolução (Waldenberg, 1982: 249).

A greve geral é o mais importante tema das *Reflexões sobre a violência*. Por meio dela Sorel espera que seja construída a “nova moral dos produtores”. Seria a escola da nova ética dos criadores da futura sociedade socialista. (Waldenberg, 1982: 251). Em Sorel haveria a idéia de que existe um valor moral a ser resgatado através do mundo do trabalho. Tal restauração moral dever-se-ia realizar por meio do progresso da sociedade em direção a uma forma organizativa mais alta, em que “o novo protagonista da história, o proletariado, deverá realizar, contra o egoísmo da sociedade burguesa-industrial, a ética do socialismo” (Sorel, 1975: 17).

Sorel considerava que a revolução ocorreria, antes de tudo, na consciência. Isso explica porque rejeita a cientificidade econômico-material do marxismo. Mostra-se convicto da não-validade das teorias centrais da doutrina de Marx: a teoria do valor, da pauperização, da concentração das riquezas e da produção. A teoria de Marx seria, assim, apenas um método de aproximação da realidade (Sorel, 1975: 19).² De fato, Sorel não era adepto

² Aqui Sorel deixa clara a inspiração em seu amigo Croce, a partir da obra deste filósofo italiano “Materialismo Histórico e Economia Marxista, de 1899: “Se o materialismo histórico deve

do método dialético preconizado por Marx a partir de Hegel. Para ele, “o processo de evolução do mundo humano [...] não era determinado nem por um processo dialético, nem por uma evolução natural e necessária, mas por uma passagem violenta de uma fase histórica a outra” (Sorel, 1975: 22).

Segundo De Paola (1984: 72), a última etapa do desenvolvimento do marxismo de Sorel seria sua visão do marxismo como mito. O mito, para Sorel, corresponderia às “convicções de um grupo” e seria diferente da utopia por ser uma produção coletiva e não a teorização de poucos intelectuais. E sua preservação enquanto tal, enquanto simbologia coletiva, estaria garantida apenas pela ação espontânea das massas, devendo essas evitar sua subordinação a qualquer tentativa de direção por uma minoria. “O mito, por conseguinte, é ao mesmo tempo ‘sistema de imagens’ e massas que ‘se apaixonam’” (De Paola, 1984: 80).

Para Sorel, a violência ocorrida com o surgimento do cristianismo, da Reforma Protestante e da Revolução Francesa forma momentos históricos equivalentes, porque funciona como “mito”, isto é, como conjunto de imagens percebidas instantaneamente, intuições, capazes de evocar com a força do instinto o sentimento de luta (Sorel, 1975: 23). Sorel aborda, de uma forma supostamente racional, as condições da ação irracional. Irracional não apenas porque sem um plano concebido de forma metódica e supostamente científica. O autor francês assume a existência de uma instância inconsciente da ação humana que teria força de determinação histórica, e a reconhece como potência principal do processo revolucionário. É assim que Sorel se pretende colocar em uma posição oposta ao “cientificismo” de Kautsky, por exemplo. Neste, a razão recomendava aguardar as condições objetivas para o irrompimento da revolução, o que redundava numa tática reformista. Em Sorel, as condições

exprimir algo que seja criticamente aceitável, tal não deve ser [...] nem uma construção *a priori* de filosofia da história, nem um novo método do pensamento histórico, mas, simplesmente, um *cânone* de interpretação histórica” (Croce, 1948: 88). Croce exercia grande influência sobre o pensamento de Sorel. Mantinham uma amizade que fora sempre muito estreita. Os escritos de Croce seriam, para Sorel, uma das principais fontes para a formulação de suas concepções acerca das questões históricas, filosóficas, políticas e literárias de seu tempo (Furiozzi, 1975: 56).

para a revolução não são objetivas, nem pensadas subjetivamente, mas instintivas, a inconsciência coletiva trazida à tona de modo violento pela força do mito.

A obra de Sorel surge como uma espécie de reação, como ele mesmo faz questão de deixar claro, ao socialismo mecanicista da social-democracia alemã, que tinha em Kautsky seu mais eminente representante. Contrapondo-se à suposição de que a história possuía um movimento quase automático em direção ao socialismo, e que a este se chegaria sem grandes sobressaltos, Sorel põe em primeiro plano a ação espontânea do proletariado, sem a qual a mudança revolucionária não seria conquistada.

O mito, embora considerado por Sorel apenas enquanto tal, adquiriria concretude cotidiana por motivar a ação revolucionária do presente na forma da greve geral. Sorel não se preocupa com o modo pelo qual a greve geral poderia ser levada a cabo. O que importa é que ela seja uma esperança permanente no imaginário da classe trabalhadora, gerando atitudes concretas por parte do proletariado combativo. Essa é a idéia do mito (a greve geral) gerando a ação revolucionária. Seria uma elaboração imagética de forças latentes, inconscientes, presentes na insatisfação geral do proletariado e canalizadas pela violência da ação revolucionária. A importância do inconsciente nas relações sociais de força, em vias de ser reconhecida à época pelo próprio Freud (embora este não abordasse tais relações de um ponto de vista de classes), seria posteriormente assumida por pensadores como Reich e os representantes da Escola de Frankfurt. Vejamos a definição de mito segundo o próprio Sorel:

“[...] Os homens que participam dos grandes movimentos sociais representam sua ação imediata sob a forma de imagens de batalhas que asseguram o triunfo de sua causa. Propus chamar de *mitos* essas construções [...]: a greve geral dos sindicalistas e a revolução catastrófica de Marx são mitos. [...] É preciso tomá-los em bloco como forças históricas e, sobretudo, não comparar os fatos consumados com as representações aceitas antes da ação” (Sorel, 1992: 41).

E ainda:

“Pode-se falar indefinidamente de revoltas sem provocar jamais um movimento revolucionário, enquanto não houver mitos aceitos pelas massas. [...] (Os mitos) não são descrições de coisas, mas expressões de vontades. [...] Um mito não poderia ser refutado, pois no fundo é idêntico às convicções de um grupo, é a expressão dessas convicções em linguagem de movimento, sendo portanto indecomponível em partes que possam ser aplicadas num plano de descrições históricas” (Sorel, 1992: 49-50).

Sorel toma o mito como uma crença religiosa na revolução, mas uma crença que impele à ação e não à contemplação de um suposto devir inexorável. O autor acredita na capacidade do sindicalismo revolucionário em desenvolver uma nova cultura no seio do proletariado, fruto da aprendizagem advinda das lutas contra o Estado e os patrões. De acordo com Sorel, a nova moral dos produtores não seria fundada numa educação estética transmitida pela burguesia, “mas nos sentimentos que desenvolvem as lutas travadas pelos trabalhadores contra seus patrões” (Sorel, 1992: 55).

É interessante traçar aqui um breve paralelo entre tal idéia de Sorel e o conceito gramsciano de reforma intelectual e moral.³ Para Gramsci, é necessária a construção de novos valores e de uma nova visão de mundo que encarne os interesses autênticos do proletariado, em oposição à hegemonia burguesa. A construção de tais novos valores se daria no seio de organizações próprias do proletariado, sendo o partido a principal delas. Tais organizações seriam um dos momentos mais importantes da luta de classes, assumida aqui como choque entre hegemonias (burguesa x proletária). A semelhança entre as duas

³ Tal paralelo leva em consideração as reflexões de Gramsci tecidas nos *Quaderni*, mas deve-se notar que Sorel também está presente de maneira importante nos escritos pré-carcerários do marxista italiano (cf., p. ex., Gramsci, 1978a: 472; 1978b: 31,148,180; 1978c: 243; 1980: 600). Todavia, quando Gramsci cita Sorel nesses escritos (final da década de 10, início da década de 20), é possível perceber que são ainda referências apologéticas, num sentido diferente da assimilação crítica do pensamento soreliano que virá a ser demonstrada nos *Quaderni*.

proposições é clara, mostrando um dos momentos em que Gramsci assume a influência soreliana na redação dos *Quaderni*.⁴ Para Sorel, como já demonstrado acima, é a prática grevista por meio dos sindicatos que criará no operariado a nova consciência revolucionária. A “nova moral dos produtores” será forjada por meio da luta direta contra patrões e o Estado. Em Gramsci, porém, a questão se encontra problematizada de maneira mais complexa, incluindo a necessidade de um plano de reforma econômica como “o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral” (Gramsci, 2001: 1561).

Sorel não escapa a certas contradições. Em alguns momentos, mostra acreditar que a violência operária precisa ser incitada, estimulada pela própria burguesia, e vice-versa. Segundo ele, faz-se necessário um recrudescimento da voragem capitalista, que acredita arrefecida na França de sua época. À decadência burguesa parece seguir-se o esmorecimento equivalente da combatividade operária (Sorel, 1992: 104). Sorel parece divisar, na violência proletária, uma espécie de ação resgatadora da condição moral de uns e outros, burgueses e proletários. Paradoxalmente a uma visão da história que se orienta pelo pressuposto da luta de classes, sustenta que a violência proletária fortalecerá a burguesia decadente, incitando-a a assumir seu papel histórico por excelência, que outro não seria senão revidar à violência proletária com a força e a voragem capitalistas dignas das burguesias mais avançadas do mundo. O socialismo de conciliação, ou o socialismo parlamentar, entorpeceria os sentimentos revolucionários do proletariado e acomodaria a burguesia num estágio histórico indigno de seu nome:

“Tudo pode ser salvo se, pela violência, ele (o proletariado) conseguir consolidar de novo a divisão em classes e devolver à burguesia um pouco de sua energia. [...] A violência proletária, exercida como uma manifestação pura e simples do sentimento de luta de classes, aparece assim como algo belo e histórico” (Sorel, 1992: 110).

⁴ O conceito de “reforma intelectual e moral”, segundo Gramsci, teria sido buscado por Sorel em Renan (historiador positivista francês do século XIX) (Gramsci, 2001: 1860).

Seria pertinente, aqui, nos determos um pouco mais sobre a concepção e a função da violência proletária segundo Georges Sorel. O pensador francês concebe a violência como maneira de manter viva a cisão entre as classes, bem como meio de empreender constantemente a reforma moral do proletariado. Nesse sentido, aparece em Sorel a idéia de um estado permanente de guerra contra a classe burguesa: “Manter a idéia de guerra, hoje que tantos esforços se fazem para opor ao socialismo a paz social, parece mais necessário que nunca” (Sorel, 1978: 15). Contra os argumentos que advogariam a paz social e a conciliação entre as classes, afirma Sorel que haveria uma diferença nítida entre a guerra entre Estados e a guerra social. Na primeira, seria buscado o poder baseado num ideal de equilíbrio, e a paz poderia ser alcançada por meio de concessões mútuas. Já no caso da guerra social, o proletariado não procuraria concessões, mas a ruína completa de seus adversários (Sorel, 1978: 15). A luta de classes, para Sorel, seria o “aspecto ideológico de uma guerra social empreendida pelo proletariado contra todos os chefes de indústria [...]; o sindicato é o instrumento da guerra social” (Sorel, 1978: 18). A luta de classes assim definida seria, segundo o pensador francês, o que o marxismo possuiria de verdadeiro e superior a todas as fórmulas sociais (Sorel, 1978: 18). Da idéia da luta de classes quase como uma disposição de espírito do proletariado, o papel da violência como promotora da cisão social aparece como sustentador da noção da divisão dicotômica da sociedade nas mentes dos militantes. As greves e a propaganda do proletariado perseguiriam tal resultado (Roth, 1980: 52).

A definição da luta de classes como “um aspecto ideológico” não aparece aqui por acaso. Sorel consideraria o conceito de classe não como um dado objetivo, passível de ser observado cientificamente, mas como uma gradual conquista da consciência de classe, conquista que surge aqui como um elemento humano e moral (Salvatecci, 1980: 78). A luta de classes seria um fato real, mas só observável na manifestação de suas respectivas elites, isto é, suas minorias conscientes. A minoria consciente da burguesia reduziria as relações sociais aos aspectos econômicos. A minoria consciente proletária consideraria os valores humanos e morais daquelas relações. A história seria movida, assim, pelo choque entre as elites proletárias e burguesas, e não pelo confronto dialético de forças que Sorel consideraria cegas e deterministas (Salvatecci, 1980: 85).

Para Sorel, portanto, a perspectiva dialética continuaria sendo uma perspectiva determinista.

Como já apontado anteriormente, Sorel despreza o socialismo parlamentar e a participação dos socialistas no sistema eleitoral. Usa a todo momento a metáfora da guerra para descrever a luta de classes, mas considera tal guerra quase literalmente, como a prática de ações diretas violentas, sem considerar válidas as disputas parlamentares. Violência que o autor distingue da noção de força. Segundo ele, a força seria o instrumento típico da imposição de uma ordem social regida por uma minoria sobre a maioria. A ação do Estado por excelência. Já a violência seria o meio de destruição dessa ordem, a arma das classes subalternas contra a opressão daquela minoria. (Sorel, 1992: 195).

Com relação à força, em determinada passagem Sorel faz uma análise que é bastante próxima da visão gramsciana de coerção, sendo a força um elemento presente não apenas por meio da brutalidade física, mas também do direito:

“O socialismo considera essa evolução (do Direito, da Economia e do Estado) como sendo uma história da força burguesa e não vê mais que modalidades onde os economistas crêm descobrir heterogeneidades: quer a força se apresente sob o aspecto de atos históricos de coerção, ou de opressão fiscal, ou de conquista, ou de legislação do trabalho, quer esteja completamente envolvida na economia, *trata-se sempre da força burguesa agindo*, com maior ou menor habilidade, para produzir a ordem capitalista” (Sorel, 1992: 198).

À força, portanto, Sorel opõe a violência. Segundo ele, não se deve condenar a violência física de maneira absoluta, pois sua existência e também seu julgamento moral dependem das condições materiais históricas, mais especificamente do desenvolvimento econômico de cada sociedade. Com relação a delitos criminosos, que ocorreriam de acordo com os interesses mesquinhos dos homens, são cometidos mais por violência física quanto menos

economicamente desenvolvida for uma sociedade, e mais por meio da astúcia e da corrupção quanto maior for tal desenvolvimento. Mas como impelir os homens à ação violenta de classe, em que interesses coletivos estão acima dos interesses individuais mesquinhos? Sorel apela aqui para o que chama de “sentimento do sublime”. Segundo ele, a luta na qual o proletariado se engaja só pode terminar de duas formas: seu triunfo completo ou sua escravidão, ambos os casos envolvendo todo o conjunto dos trabalhadores. Em tais circunstâncias, de acordo com o autor, o sentimento do sublime (a abnegação altruísta) brotaria naturalmente das condições da luta (Sorel, 1992: 238).

A participação do proletariado no processo parlamentar ou eleitoral queda completamente nociva para os objetivos do sindicalismo revolucionário. O desenvolvimento do capitalismo não é possível sem a corrupção e os delitos movidos pela astúcia. O envolvimento do movimento dos trabalhadores com a política parlamentar seria o envolvimento com a pequenez moral e a astúcia. O papel da violência proletária seria forjar nos trabalhadores valores morais elevados, o “sentimento do sublime”, uma espécie de reforma moral levada a cabo no espírito do proletariado por meio da guerra contra o capitalismo, por meio da prática de luta.

O DIÁLOGO ENTRE SOREL E LABRIOLA

Além da França, a Itália foi o outro centro importante de desenvolvimento do sindicalismo revolucionário (Waldenberg, 1982: 248). Sorel possuía importante penetração naquele país e acompanhava sua produção intelectual marxista. Era leitor de Labriola, autor que se preocupava com o fenômeno do determinismo na esfera do pensamento marxista (Badaloni, 1975: 46). Labriola insistiria em que o “sociologismo” deveria ser evitado, ou seja, a exposição da história baseada exclusivamente em “formas” (formas históricas determinadas, as “datas sociológicas”). Defenderia, assim, uma postura que limitasse o campo do previsível, que interferisse na história com uma “avaliação”, mas não com uma profecia, com uma mensagem ou anúncio utópico de um novo século. Entre a previsão morfológica que distinguiria a data sociológica do século XIX e a reconstrução da história real, encontrar-se-ia

um vazio imprevisível, que exigiria a verificação dos fatos e a intervenção ativa neles (Badaloni, 1975: 46).

Antonio Labriola fora o único entre os marxistas italianos, até a Guerra Mundial, a participar do debate marxista internacional, vindo a se tornar, num espaço de poucos anos e até sua morte, um interlocutor de grande importância entre os dirigentes social-democratas alemães, inclusive Engels (Bravo, 2005: 38). Após a morte de Engels e da publicação dos livros de Labriola *Discorrendo di socialismo e filosofia* e *Saggi sul materialismo storico*, o pensador italiano toma parte na discussão sobre a crise do marxismo, polemizando asperamente com seus antigos amigos, como Croce, Bernstein e Sorel – este, seu editor na França (Bravo, 2005: 44). Contra a revisão do marxismo empreendida pelos últimos, Labriola mantém posição como “ortodoxo”, procurando afastar-se das concepções que “reduzem o materialismo histórico à ilustração econômica da história” (Bravo, 2005: 44).

Sobre o modo de conceber a filosofia da práxis Labriola apresenta uma visão da história que será plenamente assumida e desenvolvida por Gramsci. Segundo Labriola:

“A natureza, ou seja, a evolução histórica do homem, se encontra no processo da práxis, e ao dizer “práxis”, do ponto de vista da totalidade, se pretende eliminar a oposição vulgar entre prática e teoria; porque, dito de outro modo, a história é a história do trabalho, e assim como, por uma parte, no trabalho integralmente entendido desse modo vai implícito o desenvolvimento respectivamente proporcionado e proporcional das atitudes mentais e das atitudes operativas, assim também, por outra parte, no conceito de história do trabalho vai implícita a forma sempre social do trabalho mesmo e do variar dessa forma; o homem histórico é sempre o homem social” (Labriola, 1969: 68-69).

Nesta concepção de Labriola encontra-se evidente a noção de filosofia da práxis como filosofia da história auto-suficiente, que basta a si mesma, de um historicismo levado às últimas conseqüências, o que inclui enxergar-se

como um momento filosófico também sujeito à superação pelo devir histórico.⁵ De acordo com Gramsci:

“A filosofia da práxis é o historicismo absoluto, a mundanização e terrenalidade absoluta do pensamento, um humanismo absoluto da história. Nesta linha é que deve ser buscado o filão da nova concepção do mundo. [...] Labriola, na realidade, ao afirmar que a filosofia da práxis é independente de qualquer outra corrente filosófica, é auto-suficiente, foi o único a procurar construir cientificamente a filosofia da práxis” (Gramsci, 2001: 1437, 1507).

Labriola fora um importante colaborador de *Le devenir*.⁶ O rompimento entre Labriola e Sorel e a extinção da revista foram a culminação de um processo empreendido por Sorel de afastamento do marxismo e, inspirado por Croce, seu amigo por mais de vinte anos, aproximação com as concepções revisionistas (Furiozzi, 1975: 19-21). De acordo com o pensador francês, *Le devenir* teria cessado de contribuir com a renovação do socialismo (Jennings, 1985: 62). A partir de então, Sorel dedica-se a desenvolver de forma independente suas concepções acerca do sindicalismo revolucionário. A conduzir o rompimento entre Sorel e Labriola impõe-se a refutação, por parte do francês, do historicismo como metodologia. Ambos concordavam, em oposição ao positivismo, que a atividade de previsão demandaria uma intervenção ativa do homem nas várias esferas sociais. Mas Sorel considera que haveria uma separação entre ciência e história, sendo a primeira incapaz de uma abordagem totalizante da segunda, e desenvolve o conceito de “mito” como ação política que foge ao escopo das explicações científicas (Cavallari, 1994: 95).

⁵ Gramsci retoma de Labriola o termo “filosofia da práxis” e o desenvolve ulteriormente, articulando-o com seu conceito de hegemonia.

⁶ Além de Labriola, foram publicados na revista francesa textos de Engels, Kautsky e Croce, entre outros (Cavallari, 1994: 93).

Ainda de acordo com o pensador francês, seria necessário abandonar as tentativas de se transformar o socialismo em ciência e assumir uma concepção de socialismo como uma das possíveis filosofias de elucidação das questões históricas, as quais não pertenceriam à esfera da ciência, mas serviriam para inspirar a ação incessante e variada correspondente às necessidades da vida social (Susca, 2000: 66). Labriola, ao contrário, veria sentido e significado no decurso dos acontecimentos históricos, e reconduziria as ciências sociais à historiografia, sob o nome específico de materialismo histórico (Cavallari, 1994: 96-97). Sorel, de resto, assume completamente a noção crociana do marxismo como “cânone de interpretação histórica” (Croce, 1948: 88), o que equivale a retirar da filosofia da práxis seu sentido de historicismo absoluto que Gramsci lhe atribuirá posteriormente e que Labriola já sugeria (Labriola, 1969: 86). De todo modo, embora Sorel não considerasse a história como apreensível por métodos científicos, para ele o sindicalismo revolucionário não deixaria de ser em si um fenômeno histórico, que teria como grande contribuição ao socialismo a sua insistência em que deveria ser estudado à luz da experiência histórica, como um produto de forças sociais antes que como uma teoria intelectual abstrata (Humphrey, 1978: 165).

Gramsci oferece uma solução interessante a respeito do problema da previsibilidade em história. De acordo com ele, não se poderia prever cientificamente o futuro da sociedade, dada a dependência em que tal futuro se encontra das dinâmicas relações de forças sociais, das novas configurações sociais que se formam a cada momento específico daquela relação de forças. Mas seria possível, sim, a previsão da própria luta, dado que ela dependeria da intervenção consciente dos homens e, nesse sentido, seria uma ação que prevê a si mesma. Nas palavras de Gramsci:

“Já que ‘parece’, por uma estranha inversão de perspectivas, que as ciências naturais fornecem a capacidade de prever a evolução dos processos naturais, a metodologia histórica foi concebida como sendo ‘científica’ apenas se, e na medida em que, habilita abstratamente a ‘prever’ o futuro da sociedade [...]. Na realidade, é possível prever ‘cientificamente’ apenas a luta, mas não os momentos

concretos dela, que não podem deixar de ser resultados de forças contrastantes em contínuo movimento, sempre irreduzíveis a quantidades fixas, já que nelas a quantidade transforma-se continuamente em qualidade. Na realidade pode-se ‘prever’ na medida em que se atua, em que se aplica um esforço voluntário e, desta forma, contribui-se concretamente para criar o resultado ‘previsto’. A previsão revela-se, portanto, não como um ato científico de conhecimento, mas como a expressão abstrata do esforço que se faz, o modo prático de criar uma vontade coletiva” (Gramsci, 2001: 1403).

Labriola jamais deixaria de adotar método dialético-materialista em suas análises, ou seja, entre outras considerações, para ele a intervenção na história deveria vir acompanhada de uma avaliação precisa das condições objetivas em que se daria a ação. Embora negasse o nexó dialético entre necessidade e liberdade, Sorel apreciaria a filosofia da ação em Labriola, entendendo por tais termos o esforço de iluminar teoricamente o proletariado sobre qual via seguir. Era sobre a dialética dos processos objetivos que Sorel discordaria, afinal, de Labriola (Badaloni, 1975: 52). De que maneira o pensador francês questionaria o método dialético? Segundo Badaloni, para Sorel “a lógica da história, antes que no devenir dialético, se concretiza na coexistência de formas superiores e inferiores de produção, ou seja, em uma combinação na qual o princípio da simultaneidade substitui aquele da sucessão e do salto de qualidade” (Badaloni, 1975: 52). Na medida em que negava o caráter absoluto da filosofia da práxis (embora, de acordo com Gramsci, “historicamente” absoluto) e o método dialético materialista de investigação histórica, Sorel se fixava em não muito mais que na crença no voluntarismo proletário como a grande força propulsora da revolução, o que terminava por aproximá-lo, depois de uma volta em sentido oposto, às concepções econômico-mecanicistas da social-democracia alemã.

A “VONTADE” EM GRAMSCI E SOREL

Consideramos que uma das novidades políticas de Sorel estaria em propor, mesmo que de forma incipiente, a abordagem das motivações não-rationais da ação revolucionária. Ele considera, explicitamente, a existência de elementos inconscientes a sustentar imagens míticas. As ações “espontâneas” ou “intuitivas” seriam noções que caracterizariam, na obra soreliana, a importância conferida a elementos não conscientes presentes na combatividade do proletariado. Mesmo Gramsci, segundo Bodei, parece ter percebido as conseqüências políticas do elemento psíquico das massas, conseqüências em parte potencializadas pelo advento do taylorismo:

“A compressão mecânica dos instintos e a racionalização crescente provocam desequilíbrio, inquietação, desejos de fuga num mítico passado idílico. A psicanálise é, para Gramsci, o sinal de alarme desta situação. [...] A psicanálise percebe os conflitos históricos, a disjunção existente entre vontade e instintos, e sente a necessidade de achar um novo ‘equilíbrio entre os impulsos de vontade e as metas a serem alcançadas’” (Bodei, 1978: 112).

Embora introduzindo o tema das motivações não-rationais da violência revolucionária, Sorel não foi além de sua crença no mito como construção final daquelas motivações e força condutora da história, inclusive da transição socialista, o que, de acordo com Bodei, acabou por não distanciá-lo das concepções deterministas que tanto criticava. Discorrendo sobre o tema da “vontade” em Gramsci, Bodei dialoga com e critica as concepções fatalista e soreliana do processo revolucionário, ou processo de transição ao socialismo. O autor italiano considera ambas as correntes ligadas pelo elemento determinista, a despeito das intenções de Sorel de se colocar no campo oposto ao fatalismo. Bodei adota os pressupostos gramscianos para a crítica das duas correntes assinaladas. O ponto de vista fatalista (alusão principalmente à social-democracia alemã, Kautsky em particular) seria mecanicista por aguardar a revolução como um resultado inexorável do devenir histórico. Porém, o autor

aponta na espontaneidade teorizada por Sorel as mesmas características de um raciocínio determinista:

“No fatalismo, é obviamente a necessidade mecânica que preside o processo de transição ao socialismo; em Sorel é a liberdade enquanto impulso vital, evolução criadora, violência emancipadora. Mas cada uma delas tem necessidade, por trás do pano, da colaboração da outra ou pelo menos tolera sua presença a seu lado. Assim, em Sorel a garantia de que a vontade coletiva evocada pela ‘máquina’ do mito não se apague logo como um fogo de palha é dada unicamente pelo imaginar a necessidade como *vis a tergo* da espontaneidade [...]” (Bodei, 1978: 74).

Ao não se colocarem o problema do poder, ou seja, não se interessarem pela luta política direta, ambas as concepções teriam, por exemplo, facilitado o surgimento do fascismo, segundo Bodei. O fatalismo, ao aguardar que o poder “caísse do céu”, deslocaria a atenção das massas para exigências mínimas; já o espontaneísmo assustaria as camadas médias ao incitar uma violência que não poderia (nem querer) controlar. Considera Bodei (1978: 75) que tanto o fatalismo quanto o sorelianismo teriam agido negativamente sobre a formação de uma “vontade” coletiva.

Em ambas as concepções apenas o “movimento” possuiria sentido, e o fim perderia seu valor. No determinismo fatalista o objetivo final a ser alcançado se afastava num distante, mas certo, porvir mecânico; no sorelianismo, o concreto divisar do objetivo final sequer ocorria, dando-se por suficiente o atuar das massas impulsionadas pelo mito comum à consciência coletiva. Considera ainda Bodei que, em ambos os casos, diferentes formas de passividade, disfarçadas de ativismo, operariam na substituição da previsão marxista. Em Sorel especificamente a ação se degradaria numa espécie de “impulso do irracional”, no uso de um instrumento que seria por excelência uma “atividade passiva”, ou seja, a greve geral (Bodei, 1978: 77).

Para Bodei, o despertar da vontade do proletariado não ocorreria conforme os pressupostos reformistas, nem de acordo com os de Sorel. Tal despertar seria fruto de uma “mudança de papel” do proletariado, seu “assumir

de uma hegemonia” (Bodei, 1978: 78). Tal mudança de papel dever-se-ia a circunstâncias materiais de modificação de qualidade nas relações de força que tomariam curso em meio à complexificação da sociedade civil nas sociedades capitalistas ocidentais, em alusão à notória passagem de Gramsci em que este analisa o fato como a constituição de “trincheiras” políticas da hegemonia burguesa e a imposição, por parte desta, de uma “guerra de posição” entre as classes antagonicas. A concentração da vontade coletiva, porém, também seria uma consequência daquela imposição advinda da reorganização do Estado burguês. De qualquer forma, a guerra de movimento não seria mais adequada, nem a luta no terreno exclusivo da economia (Bodei, 1978: 89).

Sem compreender a complexidade do “espaço histórico” trazida por essas transformações, tanto o fatalismo reformista quanto o sorelianismo seriam respostas inadequadas a essa nova iniciativa da burguesia. O primeiro, como já se disse, por aguardar o advento do socialismo por meio do progresso mecânico da história, sem se dar conta das enormes contra-tendências que se produziam; o segundo, por subestimar tais dificuldades e procurar enfrentá-las tendo a crença mítica na greve geral como estratégia de luta, ou o “impulso vital da imaginação política” (Bodei, 1978: 91).

Mas a noção soreliana do mito nos impele ainda a mais uma consideração relativa à transição socialista. A ausência de um plano de ação mínimo para o período posterior à tomada de poder faz crer que, em Sorel, a alimentação das esperanças míticas não se esgota com a revolução socialista. Estendendo a análise do mito a suas últimas consequências, ele acaba não por atender a condições historicamente dadas, mas seria mesmo um elemento imanente ao devir da história. Na mesma matriz analítica de Sorel, poder-se-iam considerar como “mito” os valores burgueses de “liberdade, igualdade e fraternidade” veiculados a partir da Revolução Francesa, tanto quanto a noção de “democracia política”, considerada como a quintessência da legitimidade das sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas. As supostas igualdade jurídica e liberdade individual bem como a realização de sufrágios periódicos tidos como a prática da democracia em sua plenitude são mitos burgueses que representam importante papel na defesa da barbárie capitalista. Sorel não reflete sobre a necessidade de roçar esse “ervaçal ideológico”, mas responde

com o mito inverso: a greve geral como instrumento de revolução e elevação moral do proletariado, rumo a uma sociedade de produtores. Se na sociedade burguesa a base do consenso é, em parte, mítica, tal o será, para Sorel, no modo de produção “superior”.

A CRÍTICA DE GRAMSCI A SOREL

Uma rápida passagem pelos índices onomásticos dos *Quaderni* revela a presença freqüente de Sorel nesses escritos de Gramsci. Este parece ter mantido com aquele um importante diálogo que, se não ocorrido nas mesmas proporções que com Croce, por exemplo, sustentou-se na mesma base metodológica de um processo de aceitação/refutação (Badaloni, 1975: 147). Tal dialética aceitar/refutar Sorel se mostra em Gramsci no aperfeiçoamento de importantes conceitos, como o de “bloco histórico”, a “reforma intelectual e moral” e a utilização do mito soreliano na análise, entre outras coisas, do “Príncipe” de Maquiavel. Não pretendemos esgotar aqui o significado da influência de Sorel nos *Quaderni*, mas apenas apontar alguns momentos relevantes de tal influência.

Já no caderno 11, ao comentar uma coletânea recém-publicada de textos de Sorel, Gramsci mostra claramente sua opinião sobre o estilo geral do socialista francês. Considera-o “tortuoso, convulsivo, incoerente, superficial, sibilino, etc.; mas fornece ou sugere pontos de vista originais, descobre nexos impensados mas verdadeiros, obriga a pensar e a aprofundar” (Gramsci, 2001: 1494). Gramsci aponta, como outros comentadores posteriores de Sorel, que as incongruências deste podem ser usadas para possibilitar interpretações conservadoras de sua teoria, como por exemplo uma espécie de apologia da violência que serviria bem aos propósitos fascistas. Mas sustenta o marxista italiano que Sorel possui um pressuposto que o isentaria de tal possibilidade de conservadorismo a partir de uma análise atenta, e tal pressuposto seria o que Gramsci chama de seu “radical ‘liberalismo’ (ou teoria da espontaneidade)” (Gramsci, 2001: 1923). Sugere ainda Gramsci que o “associacionismo” de Sorel, tanto quanto sua “violência”, não seriam “associacionismo” e “violência” isentos de uma filiação classista (*Idem*). Tal filiação se faria notar na obra de Sorel e seriam, de modo claro, o associacionismo da classe trabalhadora e a

violência levada à cabo pela classe trabalhadora. Gramsci refere-se ao antijacobinismo e economicismo puro de Sorel como únicos elementos da teoria do pensador francês que poderiam ser “distorcidos” em prol de uma interpretação conservadora de suas idéias (Gramsci, 2001: 1923). Grifamos a palavra “distorcidos” para evidenciar que, de acordo com o marxista italiano, apenas tal operação poderia justificar a aproximação da obra de Sorel com o ideário conservador, em que pesem “oscilações políticas” na sua prática militante (De Paola, 1984: 52).⁷

Como já apontado acima, importantes categorias do instrumental teórico gramsciano são elaboradas contando com substancial aporte dos escritos de Georges Sorel. A respeito do conceito de “bloco histórico”, observa Gramsci:

“A afirmação das *Teses sobre Feuerbach*, de que o ‘educador deve ser educado’, não coloca uma relação necessária de reação ativa do homem sobre a estrutura, afirmando a unidade do processo do real? O conceito de ‘bloco histórico’, construído por Sorel, apreende plenamente esta unidade defendida pela filosofia da práxis” (Gramsci, 2001: 1300).

Importante observar aqui que, embora Gramsci se inspire no conceito de “bloco histórico” tal como formulado por Sorel, o mesmo conceito elaborado pelo marxista italiano possui uma natureza marcadamente distinta. No autor francês trata-se de um sistema de imagens a que é preciso tomar “em bloco como forças históricas” (Sorel, 1992: 41), o mito que manterá acesa a chama revolucionária enquanto nele forem depositadas as esperanças de realização da sociedade futura. Mas se tal sistema de imagens não é senão

⁷ “É óbvio que essas avaliações ressentem-se, de modo decisivo, dos diferentes pontos de vista de seus autores em relação ao marxismo; e é também evidente que pesam em tais juízos as oscilações políticas de Sorel (como a aproximação, nos anos imediatamente anteriores à guerra mundial, ao grupo monarquista da *Cité française*, ou a atenção positiva em face de Mussolini, nos anos da ascensão do fascismo na Itália), ligadas ao impasse teórico a que ele chegou, uma vez esgotada a fase do sindicalismo revolucionário” (De Paola, 1984: 52).

um mito, sua força revolucionária pode se esgotar no momento mesmo de seu desvendamento (Miguel, 1998). O “bloco histórico” de Gramsci, ao contrário, adquire vigorosa relação dialético-material com a realidade, assumindo-se como a unidade dialética entre forças produtivas, relações sociais de produção e superestrutura jurídico-política num dado momento histórico: “Conceito de ‘bloco histórico’, isto é, unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos” (Gramsci, 2001: 1569).

Em Sorel, trata-se do mito em sua integridade imagética, e sua potência histórica encontrar-se-ia justamente nessa integridade. Em Gramsci, é a unidade material contraditória de um período histórico específico. Quando a esfera das forças produtivas adquire um desenvolvimento tal que torna insanáveis suas contradições em relação à esfera das relações de produção, eis o surgimento de uma tensão que tende a desagregar o bloco histórico considerado como unidade dialética, que clama pela superação das antigas formas de relações de produção por novas formas em conformidade com as novas condições objetivas e subjetivas. Nesta concepção de crise/superação encontra-se a potência histórica do conceito gramsciano. Mas não necessariamente novas formas superestruturais surgem de tal crise:

“Para que as leis expressas por Marx possuam atuação prática, elas devem ser assumidas no ‘bloco histórico’, ou seja, na unidade de articulação entre as forças produtivas objetivas e aquelas subjetivas. Quando tal bloco não se verifica, o transformismo entra no campo da nova classe fundamental e, em geral, das forças históricas progressivas que ela controla e determina os fenômenos da revolução passiva. Então as mudanças estruturais têm lugar sem que as mudanças nas relações de produção tornem-se respectivamente visíveis, ou seja, de tal modo que sua extrema lentidão dê a aparência de imobilidade” (Badaloni, 1975: 152).

Ao analisar as relações de força em momentos de crise estrutural, Gramsci adverte para a necessidade de se distinguir entre fenômenos orgânicos (permanentes) e fenômenos de conjuntura (ocasionais, imediatos). Os primeiros se fariam perceber pelo aguçamento das contradições, que se tornam insolúveis no contexto considerado e tendem a demonstrar, pela organização das forças antagônicas em luta, que já se encontram maduras as condições necessárias e suficientes para a superação histórica do modo de produção em questão (Gramsci, 2001: 1579). Porém, as forças políticas interessadas na manutenção da ordem presente empreenderão “esforços incessantes e perseverantes (já que nenhuma forma social jamais confessará que foi superada)” no sentido de conservá-la, o que se configuraria nos fenômenos de conjuntura aludidos acima (*Idem*). Do sucesso ou não das forças políticas conservadoras dependerá, portanto, o surgimento de um novo bloco histórico. Gramsci evita, aqui, a concepção de um advento mecânico de novas formas sociais superiores, mas considera que a não realização de novas tarefas históricas onde as condições necessárias e suficientes para tal já existem “aumenta a desordem necessária e prepara catástrofes mais graves” (Gramsci, 2001: 1579).

Passemos agora a outras considerações sobre o conceito soreliano de “mito”. Gramsci relaciona a concepção crociana de “política como paixão” ao “mito” de Sorel (Gramsci, 2001: 1307). A objeção de Gramsci a uma e outra percepção é que ambas careceriam da perenidade necessária para a ação política concreta. Mas o pensador marxista italiano é mais condescendente com Sorel. De acordo com Gramsci, Croce teria considerado que Sorel, ao teorizar sobre o mito, ao “dar-lhe uma explicação doutrinária”, o teria dissipado, ou anulado sua validade (*Idem*). Mas, para Gramsci, o conceito de mito do filósofo francês seria mais fundamentado na realidade efetiva do que a “política como paixão”, de Croce.

Sustenta o marxista italiano que Sorel não teria apenas estudado e procurado explicar um determinado mito, mas que a teoria dos mitos seria, para o pensador francês, “o princípio científico da ciência política” (Gramsci, 2001: 1308):

“Neste estudo do mito como substância da ação política, Sorel também estudou difusamente o mito determinado que estava na base de uma certa realidade social e que era a

mola do seu progresso. Sua análise tem, por isso, dois aspectos: um propriamente teórico, de ciência política; e outro aspecto político imediato, programático. É possível, embora seja muito discutível, que o aspecto político e programático do sorelianismo tenha sido superado e dissipado; [...] mas ainda hoje deve-se reconhecer que Sorel trabalhou com a realidade efetiva e que esta realidade não foi superada e dissipada” (*Idem*).

Não se deve superestimar, naturalmente, o valor que Gramsci atribui ao mito soreliano como instrumento de ação política efetiva, como se verá mais adiante. Mas o reconhecimento, por parte do pensador italiano, de que o conceito de mito encontra respaldo específico numa determinada realidade sinaliza sua utilidade na elaboração de categorias mais complexas para a compreensão de tal realidade e ação sobre ela. De acordo com Badaloni, para Gramsci as previsões de mudança futura contidas no bloco de imagens formadoras do mito poderiam, inclusive, ser demonstradas em sua “necessidade” se tal bloco se apresentasse pensado em termos políticos, antes que em termos sindicais (Badaloni, 1975: 150).

Gramsci julga teórica e praticamente limitada a apresentação do mito, feita por Sorel, do ponto de vista da atuação sindical. Como que representando o marxismo na antiga polêmica contra as diversas modalidades de anarquismo, Gramsci via a prática política restrita ao sindicato como limitadora da ação revolucionária: “Pode-se estudar como Sorel, partindo da concepção da ideologia-mito, não atingiu a compreensão do partido político, mas se deteve na concepção do sindicato profissional” (Gramsci, 2001: 1556). O marxista italiano via na ação máxima do sindicato, a greve geral, uma “atividade passiva”. Neste sentido, o sindicalismo revolucionário não previa um momento próprio de “construção ativa” de suas propostas. Tal momento, se existisse, entraria inclusive em contradição com seus pressupostos, já que o estabelecimento de planos prévios de ação se configuraria como utopia. Daí o corolário teórico do impulso e da ação irracional, espontânea.

Como vimos até aqui, Gramsci trava importante diálogo com Sorel na concepção de suas próprias categorias e análises políticas, considerando mesmo

o “Príncipe” de Maquiavel como “uma exemplificação histórica do ‘mito’ soreliano” (*Idem*). Mas é justamente com relação a este conceito de Sorel, o “mito”, que Gramsci faz sua crítica mais importante ao pensador francês. Como já demonstramos acima, na opinião de Gramsci, a ação espontânea defendida pelo sindicato revolucionário, baseada no mito da greve geral, não seria capaz de sustentar a vontade coletiva necessária à mudança estrutural. Não seria capaz disso “um instrumento que deixa a vontade coletiva na fase primitiva e elementar de sua mera formação” (Gramsci, 2001: 1557). Ou seja, sem uma ação planejada e uma direção definida, o espontaneísmo das massas extinguir-se-ia no momento seguinte ao de seu auge. Para que isso fosse evitado haveria a necessidade de inculcar naquelas massas o desenvolvimento consistente de uma vontade coletiva, o que não estaria à altura do sindicato. Sorel, neste caso, dá por encerrada a teoria no ponto que para Gramsci seria apenas o começo de um processo revolucionário que exigiria disciplina e combatividade permanentes. Apenas a ação espontânea (que, em última análise, é uma não-ação, a greve) movida pela crença no mito da greve geral, não resultaria na formação de uma vontade coletiva permanente, e sobre isso Gramsci conclui com palavras incisivas:

“Mas pode um mito ser ‘não construtivo’, pode-se imaginar [...] que seja produtor de realidades um instrumento que deixa a vontade coletiva na fase primitiva e elementar de sua mera formação, por distinção (por ‘cisão’), ainda que com violência [...]? Mas esta vontade coletiva, assim formada de modo elementar, não deixará imediatamente de existir, pulverizando-se numa infinidade de vontades singulares, que na fase positiva seguem direções diversas e contrastantes? E isso para não falar que não pode existir destruição, negação, sem uma implícita construção, afirmação, e não em sentido ‘metafísico’, mas praticamente, isto é, politicamente, como programa de partido. Neste caso, pode-se ver que se supõe por trás da espontaneidade um puro mecanicismo, por trás da liberdade (arbitrio-impulso vital) um máximo de determinismo, por trás do idealismo um materialismo absoluto” (*Idem*).

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, Gramsci demonstra, assim, que queda sem efeito a pretensão de Sorel de se colocar em posição oposta ao marxismo mecanicista da Segunda Internacional. Levado às últimas conseqüências, como faz Gramsci, o pensamento de Sorel cai na mesma senda determinista que tanto condenara em teóricos como Kautsky, mas, ao contrário deste, o faz sem consciência disso.

Nota-se que Gramsci se utiliza do conceito de “cisão”, também elaborado originalmente por Sorel, que por esta categoria pretendia representar uma radical separação entre burguesia e proletariado e uma clara consciência desta separação nos integrantes de cada uma das partes. Para o filósofo francês, a força do mito da greve geral faria qualquer pequeno conflito aparecer ao proletariado com dimensões catastróficas, mantendo sempre dramaticamente marcada a delimitação entre os campos antagônicos (Sorel, 1992: 210).

O “espírito de cisão” é considerado por Gramsci o elemento que se pode contrapor, a partir do proletariado, “a este complexo formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante” (Gramsci, 2001: 333). É o estado de consciência que permitiria à classe trabalhadora reconhecer sua condição material de classe revolucionária e empreender a luta pela conquista de sua hegemonia contra a hegemonia burguesa. Segundo Gramsci, o aprofundamento do espírito de cisão nos trabalhadores requereria um “complexo trabalho ideológico” de conquista progressiva dos espíritos (*Idem*). Gramsci reconhece, assim, a viabilidade de uma situação de “cisão”, mas duvida que ela possa se manter apenas por meio do “espontaneísmo”. De acordo com Badaloni (1975: 150), “o discurso de Gramsci é, portanto, aceitação da ‘cisão’ soreliana e ao mesmo tempo a demonstração da insuficiência dos instrumentos propostos pelo filósofo francês”.

Lembremos aqui que, conforme exposto anteriormente, Sorel atribui o protagonismo da luta de classes às respectivas e opostas elites conscientes de seu papel histórico, e o choque de classes seria, na verdade, um choque entre as elites conscientes de ambos os lados. A esse respeito é importante notar que Gramsci, apesar de obviamente não encerrar a luta de classes apenas no âmbito das elites proletárias e burguesas, assume a necessidade do intermédio de uma elite proletária no processo da luta de hegemonias:

“[...]se se trata de dirigir organicamente ‘toda a massa economicamente ativa’ - deve-se dirigi-la não segundo velhos esquemas, mas inovando; e esta inovação só pode tornar-se de massa, em seus primeiros estágios, por intermédio de uma elite na qual a concepção implícita na atividade humana já se tenha tornado, em certa medida, consciência atual coerente e sistemática e vontade precisa e decidida” (Gramsci, 2001: 1387).

De acordo com Gramsci, o sentimento de cisão estaria na origem da consciência de se fazer parte de uma determinada força hegemônica. Classifica tal sentimento, e aqui de forma muito próxima a Sorel, como um sentimento de “distinção”, de “separação”, de “independência quase instintiva”, que progrediria até o alcance de uma “concepção do mundo coerente e unitária” (Gramsci, 2001: 1385). Sustentará ainda o marxista italiano a importância da luta teórica na medida em que ela possa “reforçar no próprio campo o espírito de diferenciação e de cisão” (Gramsci, 2001: 1406). A luta teórica destinada a tal fim deve ser provisoriamente, ou “em seus primeiros estágios”, como reproduzido acima, levada a efeito por uma elite, não uma elite destacada da massa dos trabalhadores, mas uma elite orgânica a essa mesma massa, e por isso mesmo transitória na condição de elite, já que visa a elevar filosoficamente, conferindo coerência e unidade entre ação e concepção de mundo, uma proporção cada vez maior do proletariado.

CONCLUSÃO

Procuramos, ao longo deste artigo, salientar as diferenças nas concepções de história e revolução entre Georges Sorel e Antonio Gramsci, sugerindo ao mesmo tempo a importância da obra do filósofo francês na constituição do pensamento do marxista italiano presente nos *Quaderni del carcere*. Apresentamos, primeiramente, as idéias centrais de Sorel, seguidas de uma análise de sua inserção no debate sobre a crise do marxismo do final do século XIX, particularmente sob a forma de seu relacionamento intelectual com o socialista italiano Antonio Labriola. Em seguida abordamos, ainda que de forma breve,

o debate sobre o conceito de “vontade” e suas diferentes matizes em Gramsci e Sorel, o que em nossa opinião contribuiu para fundamentar de maneira um pouco mais clara as considerações sobre as discordantes premissas em um e outro autor quanto ao devir histórico. Por fim, procuramos discutir a presença de Sorel em importantes passagens dos *Quaderni*, momentos em que Gramsci faz avaliações minuciosas sobre a relevância da obra de Sorel no debate socialista, principalmente com relação a conceitos desenvolvidos pelo pensador francês e apropriados de forma crítica pelo marxista italiano, como os de “cisão”, “mito”, “reforma intelectual e moral” e “bloco histórico”. Não pensamos, naturalmente, ter confrontado todos os aspectos necessários para uma abordagem definitiva sobre as concepções de história e revolução em Sorel e Gramsci e a evidentemente importante influência do primeiro sobre a obra do segundo. Porém, nos limites permitidos pelo escopo deste trabalho, acreditamos ter abordado vários aspectos essenciais da questão proposta.

Abstract: this article intends to elaborate a comparative analysis about the conceptions of History and Revolution in the works of Antonio Gramsci and Georges Sorel. The presentation of the development of the sorelian concepts is inserted in the context of the debate concerning to the crisis of the marxism at the end of the nineteenth century. We also consider the critical assimilation of some sorelian concepts by Gramsci during the elaboration of his thought present in the *Prison Notebooks*.

Keywords: *Prison Notebooks*, revolutionary syndicalism, Second International, marxism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci: dal mito alla ricomposizione politica*. Torino: Giulio Einaudi editore, 1975.
- BODEI, Remo. “Gramsci: vontade, hegemonia, racionalização”. In: FERRI, Franco (Org.). *Política e história em Gramsci*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 71-115.

- BRAVO, Gian Mario. “Labriola e i dirigenti del socialismo europeo”. In: *Critica Marxista*. Roma, n. 1, gennaio-febbraio 2005, pp. 37-47.
- CAVALLARI, Giovanna. *Georges Sorel: archeologia di um rivoluzionario*. Napoli: Jovene, 1994.
- CROCE, Benedetto. *Materialismo histórico e economia marxista*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.
- DE PAOLA, Gregorio. “Georges Sorel, da metafísica ao mito”. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). *História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional (terceira parte)*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. v. 4, p. 51-83.
- FURIOZZI, Gian Biagio. *Sorel e l'Italia*. Messina: G. D’Anna, 1975.
- GRAMSCI, A. *L’Ordine nuovo 1921-1922: socialismo e fascismo*. Torino: Giulio Einaudi, 1978 a.
- GRAMSCI, A. *Scritti politici*. Roma: Editori Riuniti, 1978b, v.2.
- GRAMSCI, A. *Scritti politici*. Roma: Editori Riuniti, 1978c, v.3.
- GRAMSCI, A. *Cronache Torinesi*. Torino: Giulio Einaudi, 1980.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*: edizione critica dell’Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Turim: Giulio Einaudi, 2001.
- HUMPHREY, Richard D. *Georges Sorel, prophet without honor*. New York: Octagon, 1978.
- JENNINGS, J. R. *Georges Sorel: the character and development of his thought*. Oxford: MacMillan, 1985.
- LABRIOLA, Antonio. *Socialismo y filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1969.
- MIGUEL, Luis F. “Em torno do conceito de mito político”. *Dados*, 1998, v.41, n.3.
- ROTH, Jack J. *The cult of violence: Sorel and the sorelians*. Berkeley: Un. of California, 1980.

- SALVATECCI, Hugo G. *Sorel y Mariategui*. Lima: Delgado Valenzuela editora, 1980.
- SOREL, Georges. *Democrazia e rivoluzione*. Roma: Editori Riuniti, 1975.
- SOREL, Georges et al. *Sindicalismo revolucionário*. Madrid: Júcar, 1978.
- SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SUSCA, Emanuela. “Sorel e il problema dell’immediatezza”. In: *Critica Marxista*. Roma, n. 6, novembre-dicembre 2000, pp. 65-73.
- WALDENBERG, Marek. “A estratégia política da social-democracia alemã”. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.). *História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional (primeira parte)*. São Paulo: Paz e Terra, 1982. v.2, p. 223-255.